

A QUESTÃO DE GÊNERO NAS PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA DAS OCUPAÇÕES DE ESCOLA EM CHAPECÓ-SC: ANÁLISE DE DOIS CENÁRIOS ETNICAMENTE DIVERSOS

Eloise Kist Hoss

Graduanda da 8ª fase do curso de Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista de iniciação científica no Grupo de Pesquisa Antropologia, Jovens e Juventudes (UFFS) através do edital 07/2015 da FAPESC

Orientador Prof. Dr. Ivan Paolo de Paris Fontanari

Professor do curso de Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e coordenador do Grupo de Pesquisa Antropologia, Jovens e Juventudes

Neste trabalho procura-se analisar e compreender o protagonismo das estudantes nas ocupações em duas escolas estaduais de Chapecó-SC, durante 2016, a partir de dois cenários distintos: uma escola urbana, localizada na área central da cidade, e uma escola indígena pluriétnica, localizada na Terra Indígena kaingang Toldo Chimbangue. Evidencia-se a expressiva atuação das jovens estudantes nestes espaços de mobilização e resistência e assim, pretende-se abordar as práticas de resistência a partir dos sentidos atribuídos pelas mulheres jovens kaingang, guarani e estudantes não índias e as respectivas dinâmicas que engendram tais práticas.



Escola urbana. Imagem: Grêmio estudantil Helenira Rezende

As mobilizações estudantis de ocupações das escolas no Brasil ocorreram a partir de 2015 no estado de São Paulo, estas pautavam a reorganização escolar promovida pelo governador psdbista Geraldo Alckmin e tiveram seguimento em 2016 tendo como reivindicação a CPI da merenda – que culminou na ocupação da ALESP, contra os desvios de dinheiro público destinados para as escolas. Ainda em 2016, a ocupação de aproximadamente 1100 escolas em 22 estados brasileiros, tinha como questão central a PEC 241/55, que congela os investimentos públicos na saúde e na educação por 20 anos, entre outras medidas políticas pautadas no Congresso Nacional.

Nesse sentido, a partir do projeto de pesquisa denominado “Modos autônomos de identificação juvenil no oeste catarinense: uma

abordagem antropológica e etnográfica”, com financiamento da FAPESC, iniciado em agosto de 2016 e vinculado ao Grupo de Pesquisa “Antropologia, Jovens e Juventudes”, do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, foram realizadas observações em campo e também entrevistas durante abril e maio de 2017. A partir de uma narrativa polifônica das ocupações de escola em Chapecó-SC, emerge a noção de resistência como categoria etnográfica relevante por engendrar expressiva e significativamente as situações de agenciamento, ou seja, a “capacidade mediada socioculturalmente de **agir de modo propositado** (e, por vezes, criativo) diante de **imposições coercitivas e estados de dominação**, impedindo, fortalecendo ou catalisando **mudanças em normas, sanções e hierarquias culturais e sociais**” (FREIRE FILHO, 2007. p.13).



Escola indígena. Imagem: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/11/sc-tem-ao-menos-16-ocupacoes-de-estudantes-7-delas-em-chapeco.html>

A noção de “agência” igualmente se abriga nos debates teóricos que, no campo das Ciências Sociais, se desdobraram das críticas ao estruturalismo em direção à apreensão da relação entre ação e estrutura. Representa, igualmente, uma contribuição bastante relevante para a compreensão das práticas de resistência juvenil contemporâneas, e a partir delas, sob a luz das contribuições teóricas da antropologia que problematizam o tema “jovens e juventudes” e de registros em Diário de Campo, busca-se evidenciar as nuances da dialética entre ação e estrutura, debate que perpassa as Ciências Sociais a partir da década de 1970, tomando como base para reflexão o universo empírico acima mencionado.

Referência citada

FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.